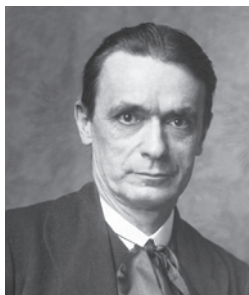


Para meditação | *For meditation*



O início de minha atividade antroposófica incidiu numa época em que existia, em muitas pessoas, uma insatisfação quanto aos rumos que o conhecimento tomara na época imediatamente anterior. Elas queriam encontrar um caminho para sair do âmbito existencial em que se haviam

confinado por só acharem válido, como conhecimento ‘seguro’, o que pudesse ser obtido com ideias mecanicistas. A mim esses anseios por uma espécie de conhecimento do espiritual, por parte de alguns contemporâneos, tocavam muito de perto. Biólogos como Oskar Hertwig* – que principiara como discípulo de Haeckel mas abandonara o darwinismo porque, em sua opinião, os impulsos que este conhece não são capazes de explicar a evolução orgânica – eram personalidades nas quais esse anseio cognitivo me parecia manifestar-se.

Contudo, eu sentia pesar uma coação sobre todos esses anseios. A crença de que só se poderia considerar como ‘saber’ o que é possível de ser pesquisado no reino dos sentidos, com medida, número e peso, mostrou como resultado essa coação. Não se ousava desenvolver um pensar interiormente ativo a fim de vivenciar a realidade mais de perto, por meio dele, do que por meio dos sentidos. Então as pessoas se limitavam a dizer: “Com os meios até agora empregados para explicar até as formas superiores de existência, como as do mundo orgânico, não se avança.” Quando, porém, tinham de chegar a um resultado positivo, quando deviam dizer o que é que atua

no impulso da vida, perdiam-se em ideias indefinidas.

Entre os que ansiavam por sair da explicação mecanicista do mundo faltava, em geral, a coragem de reconhecer o seguinte: quem quer superar esse mecanicismo deve também superar os hábitos mentais que levaram a ele. Não se queria tornar pública uma confissão que a época teria precisado. É a seguinte: com a orientação voltada para os sentidos, avança-se no que é mecanicista. Na segunda metade do século XIX, as pessoas se haviam acostumado a essa orientação. Agora que o mecanicismo deixa as pessoas insatisfeitas, não se deveria querer avançar em domínios mais elevados com a *mesma orientação*.

Os sentidos, no ser humano, proveem seu próprio desenvolvimento. Todavia, com o que proporcionam dessa maneira a si mesmos nunca se vislumbrará outra coisa senão o que é mecânico. Querendo-se conhecer mais, deve-se dar às forças cognitivas mais profundas uma forma análoga à que a natureza dá às forças sensoriais. As forças cognitivas voltadas para o elemento mecânico estão despertas por si; aquelas apropriadas para as formas superiores de realidade precisam ser despertadas.

Essa autoconfissão do anseio cognitivo parecia-me uma necessidade da época.

Rudolf Steiner. Minha vida – a narrativa autobiográfica do fundador da antroposofia. São Paulo: Antroposófica; 2006. p. 345-6.

*Oskar Hertwig (1849-1922) foi anatomista e pesquisador no âmbito da genética.